FEMINISMOS E DECOLONIALIDADE: formas de resistências de mulheres negras

Juliana Santos da Silva[1]

Leila Maria Passos de Souza Bezerra[2]

RESUMO

O presente artigo tematiza feminismo, mulheres negras, decolonialidade e suas formas de resistências, a partir das leituras de escritoras e pesquisadoras negras. Consubstancia os resultados da revisão de literatura pertinente à pesquisa de iniciação científica intitulada MODOS DE VIDA E CONDIÇÃO JUVENIS NAS MARGENS DE FORTALEZA-CE: narrativas e experiências de jovens estudantes negras. Nessa pesquisa, de metodologia qualitativa, realizou-se entrevistas on-line e observação direta. Esse artigo consiste, portanto, em recorte específico do relatório final da supracitada pesquisa e vislumbrou refletir acerca das expressões de resistências de mulheres negras e decolonialidade.

Palavras-chaves: Mulheres pretas. Feminismo. Resistências. Decolonialidade.

ABSTRACT

This article discusses feminism, black women, decoloniality and its forms of resistance, based on the readings of black writers and researchers. It substantiates the results of the literature review relevant to scientific initiation research entitled WAYS OF LIFE AND YOUTH CONDITION IN THE MARGINS OF FORTALEZA-CE: narratives and experiences of young black students. In this qualitative methodology research, online interviews and direct observation were carried out. This article, therefore, consists of a specific excerpt from the final report of the aforementioned research and aimed to reflect on the expressions of resistance of black women and decoloniality.

Keywords: Black women. Feminism. Resistances. Decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tematiza feminismo, mulheres negras, decolonialidade e suas formas de resistências, a partir do diálogo crítico estabelecido com as produções científicas de escritoras e pesquisadoras negras. Expõe os resultados da revisão bibliográfica pertinente à pesquisa de iniciação científica intitulada MODOS DE VIDA E CONDIÇÃO JUVENIS NAS MARGENS DE FORTALEZA-CE: narrativas e

[1] Universidade Estadual do Ceará. Estudante de Serviço Social. E-mails: julianassilva98@gmail.com e jully.silva@aluno.uece.br

[2] Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Sociologia. E-mail: leila.passos@uece.br

experiências de jovens estudantes negras. Nessa pesquisa social *on-line*, de metodologia qualitativa, realizou-se entrevistas *on-line* e observação direta. Esse artigo consiste, portanto, em recorte específico do relatório final da supracitada pesquisa e vislumbrou refletir acerca das expressões de resistências de mulheres negras e decolonialidade.

O artigo encontra-se dividido em seis tópicos, a começar pela introdução e logo depois os seguintes: “Mulheres pretas e suas formas de resistências durante o período escravista”; “Surgimento do feminismo: a falta de representatividade de mulheres pretas”; “O feminismo negro: uma forma de lutar para de resistir e existir”; “O feminismo e a decolonialidade”; seguidos da conclusão. O movimento negro, o movimento feminista, o feminismo negro e o feminismo decolonial são tematizados nesse artigo para falarmos sobre o protagonismo e resistências das mulheres negras.

É importante frisar que as formas de resistências em diálogo nesse artigo não são as únicas e nem mais válidas que outras expressões. Mulheres negras resistem de diversas maneiras, seja participando e escrevendo sobre estudos pós coloniais ou/e raciais, seja trabalhando para conseguir alimentar sua família, seja denunciando as operações violentas de policiais, que faz com que jovens negros e negras morram. O ato de resistência de uma mulher preta vai além de uma reação a um sistema opressivo. Encarna modos de vida cotidianos. Estão a todo momento resistindo e quando morremos, como no caso de Marielle, outras continuam resistindo por nós e pelas que virão.

2. MULHERES PRETAS E SUAS RESISTÊNCIAS NO PERÍODO ESCRAVISTA

Para iniciarmos a discussão, é necessário falar da história de luta das mulheres pretas, pois estas resistem às opressões desde quando as suas vidas e seus corpos passam a ser vistos como inferiores. Durante o período colonial, muitas dessas mulheres foram arrancadas de seus lares, de seu país, seu continente, para serem levadas a terras estrangeiras e tratadas como objetos.

Conhecido como sistema escravista, o período em que o povo preto era visto apenas como uma propriedade e por conta disto as pessoas pretas sofriam todos os tipos de violações pois, como eram considerados propriedade, não tinham o direito de ser tratados como humanos. No sistema escravista tanto as mulheres como os

homens negros eram tratados de forma iguais no sentido de cumprir as mesmas tarefas, mesmo estando gravidas, “Da mesma forma que os meninos eram enviados para o campo ao atingir certa idade, as meninas eram designadas para trabalhar o solo, coletar algodão, cortar cana, colher tabaco” (DAVIS, 2016, p. 35).

Portanto, as mulheres pretas além de serem designadas a cumprir um papel de cuidar da casa de seus proprietários elas também trabalhavam nas plantações fazendo o mesmo trabalho pesado que os homens negros, “Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (DAVIS, 2016, p. 42).

Mas, apesar de cumprirem as mesmas obrigações, as mulheres pretas na hora das punições sofriam de forma diferente pois os seus proprietários além das punições “tradicionais”, como açoites, utilizavam dos abusos sexuais como forma de punição. Os estupros, não serviam somente para satisfazer os desejos sexuais dos escravistas, ele era usado como uma forma de os proprietários mostrar que tem poder e controle sobre o corpo de suas escravas. E o controle sobre esses corpos se estendiam também para a reprodução, pois os estupros também eram usados para que as mulheres pretas tivessem filhos para serem vendidos ou usados nas lavouras e assim trazendo lucro para os proprietários.

Essa forma de tratamento igualitário na divisão do trabalho e as punições que eram de diferente, pois nessas horas as mulheres eram vistas como fêmeas, contribuíram para que as mulheres se tornassem tão resistentes ao sistema escravista quanto os homens.

Falar sobre as formas de resistência de pessoas pretas é muito importante, principalmente no Brasil, pois se tem o mito de que a abolição aconteceu devido aos esforços da classe burguesa que estava em ascensão. Em algumas ocasiões eu ouvi que o povo preto não resistiu bravamente a escravidão ou até mesmo que eles se entregavam e entregaram os seus para serem escravizados e falavam isso para justificar os horrores que foram cometidos durante esse período e para tirar o mérito das pessoas que realmente lutaram e deram as suas vidas para que a escravidão chegasse ao fim.

As mulheres pretas, junto com os homens negros, são protagonistas na luta contra a escravidão elas contribuíram de forma muito significativa para diversas fugas

e rebeliões que aconteciam, envenenavam os seus senhores, lideravam grupos de fugas para os quilombos, e até mesmo lutavam corpo a corpo contra aqueles que tentavam lhes capturar para levar de volta aos proprietários. Isto nos mostra que o povo preto, principalmente as mulheres pretas, nunca se renderam a escravidão.

Existem algumas novelas brasileiras, como por exemplo Escrava mãe, que traz mulheres escravizadas sendo gratas por ter um proprietário que não lhe chicoteou ou até que lhes alimentou trazendo uma imagem de que as pessoas pretas que foram escravizadas aceitaram os seus destinos e até mesmo agradeceram a forma como eram tratados, mas na realidade o que acontecia era que as mulheres pretas se revoltaram e usaram de toda e qualquer tipo de resistência para sair e tirar os seus daquela realidade que lhes era imposta.

É importante falar da luta das mulheres pretas contra o sistema escravista porque, infelizmente, quando a escravidão chegou ao fim o pouco do protagonismo da luta contra a escravidão dado ao povo preto foi destinado aos homens pretos deixando as mulheres pretas em um lugar em que somente ajudavam na luta, não reconhecendo que essas mulheres na realidade por diversas vezes ocupavam um lugar de liderança junto com os homens ou até mesmo sozinhas com outras mulheres pretas. Um exemplo disto é a história de Dandara dos Palmares que foi uma guerreira que liderou ao lado de Zumbi dos Palmares, seu esposo. Porém, apesar de seus grandes feitos, Dandara era menos conhecida do que o Zumbi.

Quando chegou o fim da escravidão, a luta do povo preto não acaba, pois os seus direitos ainda lhes eram negados mesmo depois se serem libertos. E esse desafio para que as mulheres pretas fossem reconhecidas como líderes na luta contra escravidão também se estendeu quando o Movimento negro começa a se organizar de forma mais política. Eram negados espaços de lideranças e protagonismo às mulheres pretas, o sistema que estava emergindo, o capitalismo, além de se estruturar no racismo para poder se manter também tem como estrutura o machismo.

Na sociedade capitalista homens, brancos, cis e héteros estão no topo do poder e esse sistema existe para beneficiar esse perfil fazendo com que as mulheres pretas fiquem abaixo da sociedade e, portanto, as que mais vão sofrer todos os tipos de violências, pois além de sofrerem com o racismo vão também se deparar com o machismo e o sexismo da sociedade capitalista. Os homens pretos, apesar de não se beneficiarem com o machismo, vão reproduzi-lo por estar enraizado na cultura, ou

seja, os homens pretos também são ensinados a agir de forma machista, mas não sabem que não vão ter os mesmos privilégios dos homens brancos. É por conta disto que, dentro do movimento negro, quando as mulheres pretas vão reivindicar espaços de lideranças, elas tendem a ser negligenciadas.

Atualmente, diversas autoras intelectuais, pretas, criticam essa falta de protagonismo das mulheres pretas, no movimento negro e feministas, que resistiram tão fortemente ao sistema escravista e ainda resistem a formas de opressões do sistema capitalista, como por exemplo Ângela Davis, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, entre outras.

3 SURGIMENTO DO FEMINISMO: FALTA DE REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES PRETAS

O feminismo é um movimento político que busca a ampliação dos direitos para mulheres e combate as diversas violências que as mesmas sofrem. Com o desenvolvimento do capitalismo, as mulheres brancas foram cada vez mais colocadas em um papel inferior ao homem. As atividades de casas passaram a ser vistas como atividades que são inferiores ao homem e por conta disto as mulheres deveriam desempenhá-las. Cuidar da casa, dos filhos e até mesmo do marido passou a ser a atividade principal das mulheres, fazendo com que elas não pudessem trabalhar fora de casa ou tivessem dupla jornada, pois além de cuidar da casa tinham de trabalhar para complementar a renda.

A Revolução Industrial fez com que surgisse uma nova forma de produção e reprodução da força de trabalho, conhecido como capitalismo que, também, trouxe outras formas de se relacionar e viver em sociedade, as culturas e os valores começaram a mudar para que o capital pudesse se desenvolver. E assim as mulheres brancas começaram a ser afetadas. E a imagem da mulher perfeita passou a ser vendida: aquela que não questionava o seu marido, que tinha o prazer em ficar em casa cuidando dos filhos. A expressão da mulher “bela e recatada do lar” era a imagem da mulher perfeita que o capitalismo passou a vender. Segundo analisa Davis:

> Uma consequência ideológica do capitalismo industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais rigorosa de inferioridade feminina. De fato, parecia que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres eram reduzidas, devido ao

> impacto da industrialização, mais intransigente se tornava a afirmação de que "o lugar da mulher é em casa". (2016, p. 21)

As mulheres não tinham o direito ao voto. Quando trabalhavam em fábricas, recebiam menos que os homens. Eram controladas pelos seus maridos e pais. Não tinham liberdade para fazer escolhas na sua vida e nem direitos. Então, nos anos 1960 e 1970, o feminismo foi ganhando força e tornada ferramenta política pelas mulheres, inicialmente mulheres brancas, para se libertar da dominação masculina, do patriarcado e do machismo.

Umas das pautas levantadas pelo movimento feminista, quando estavam iniciando, era a econômica, pois muitas mulheres eram proibidas, pelos seus maridos, de trabalhar. E quando algumas conseguiam ingressar no mercado de trabalho, seus salários eram inferiores em relação aos salários dos homens. Essa é uma pauta bem interessante e atual. Segundo a pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça, feita pelo IBGE em 2019, pessoas pretas têm uma renda menor a de pessoas brancas; as mulheres brancas têm uma renda maior a de homens pretos e mulheres pretas. Ou seja, as mulheres brancas, apesar de sofrer com todo o machismo e com a cultura patriarcal do capitalismo, elas se "beneficiam" com o sistema capitalista por serem brancas. Embora recebem menos, comparado aos homens brancos, mas a sua renda é maior do que a de pessoas pretas, sejam estas homens ou mulheres.

Todavia, os feminismos não se limitaram a questões econômicas. Os movimentos pautam também a liberdade sexual e dos corpos das mulheres, a combater as violências de gêneros e domésticas. Defendem que as mulheres tenham o direito efetivo de ocupar todos os espaços, inclusive a política, que é um espaço majoritariamente ocupado por homens, cis, branco e hétero.

Outra pauta que o movimento feminista levantou fortemente, quando estava iniciando, foi a da libertação sexual da mulher. Combatia a exploração sexual do corpo das mulheres, defende que as mulheres devem escolher quando e com quem querem relacionar-se sexualmente e, assim, poder ter o controle sobre o próprio corpo. Os direitos reprodutivos das mulheres também foram amplamente debatidos no movimento feminista. As mulheres queriam ter acesso aos planejamentos familiar, à educação sexual básica para conhecer seu corpo, contraceptivos e aborto seguro, para que a mulher não precisasse passar por uma gravidez indesejada.

Um dos principais destaques do feminismo quando estava surgindo, foi o movimento sufragista, que tinha como objetivo reivindicar o direito ao voto e ser votada. Um momento muito significativo para o feminismo foi quando o pensamento feminista passou a ser estudado nos espaços acadêmicos, ocupando as salas de aulas e grupos de estudos em que as estudantes universitárias vão estudar e debater sobre tudo que vai envolver a vidas das mulheres.

> A elaboração de programas de Estudos de Mulheres em faculdades e universidades proporcionou a legitimação institucional do foco acadêmico em trabalhos feitos por mulheres… o programa de Estudos de Mulheres se tornou local de aprendizado sobre gênero, sobre mulheres, a partir de uma perspectiva não tendenciosa. (HOOKS, 2018, p.35)

O movimento feminista vem com o intuito de romper com a cultura patriarcal e machista, lutando pela libertação, sexual, reprodutiva, econômica, política das mulheres, vai combater e denunciar todos os tipos de violências, doméstica, sexual, gênero e etc. Mas inicialmente o movimento feminista vai ser composto por mulheres majoritariamente brancas e por conta disto as principais pautas vão ser voltadas para as suas necessidades “Quando o movimento feminista começou, os problemas apresentados como mais relevantes eram aqueles diretamente ligados às experiências de mulheres brancas com alto nível de educação” (HOOKS, 2018, p.40). Fazendo com que as mulheres pretas, que além de enfrentar o sexismo e machismo também tinham que combater o racismo, não fossem totalmente representadas pelo movimento feminista pois a realidade das mulheres pretas era diferente das mulheres brancas devido a discriminação racial.

As experiências de vida de mulheres pretas vão ser atravessadas pelo machismo, pelo racismo e pela classe, fazendo com que as opressões sejam sentidas e vividas com impactos maiores do que as opressões que mulheres brancas sentem e vivenciam. O debate sobre raça dentro do movimento feminista não acontece, houve um apagamento de mulheres pretas dentro do movimento feminista pois ao não entrar no debate de raça o movimento está apagando e negando as opressões que mulheres pretas sofrem por conta de sua raça.

As principais pautas levantas pelo movimento feminista, no início de sua formação, atingiu, em escala maior, as mulheres pretas. Por exemplo, a luta pelo direito ao voto quando foi conquistado só mulheres brancas puderam usufruir pois era necessário ser alfabetizado e mulheres pretas não tinham nenhum acesso à educação. A luta por trabalho, enquanto as mulheres brancas queriam trabalhar as

pretas nunca deixaram o mercado de trabalho e quando mulheres brancas trabalhavam, recebiam mais que as mulheres pretas, isto pelo fato de serem mulheres e pretas. Devido a essas condições, a posição de mulheres pretas na sociedade se encontra bem na base, e que quem está no topo são homens, brancos, hétero e cis e mulheres brancas estão logo abaixo desses. Conforme denunciou Lord:

> De modo geral, no atual movimento das mulheres, as mulheres brancas se concentram na opressão que sofrem por serem mulheres e ignoram as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade. Há uma suposta homogeneidade de experiência coberta pela palavra "sororidade", que de fato não existe. (2019, p. 143)

Como dito no tópico anterior, o protagonismo na luta contra a escravidão foi tirado das mulheres pretas que deram as suas vidas para que o povo preto fosse liberto. Quando chega o fim da escravidão a luta continua pois os direitos sociais, políticos eram, a todo momento, negados às pessoas pretas. O movimento negro começa a se organizar para resistir e reivindicar seus direitos, mas dentro desses espaços de discussões as mulheres pretas não se sentiam representadas pois o debate sobre gênero e sexismo não tinham importâncias, e quando as mulheres pretas vão para o movimento feminista elas se deparam com a falta de debates raciais fazendo com que dentro dos dois movimentos, tanto o feminista, quanto o negro, não desse visibilidade as mulheres pretas. Para Lord:

> Ignorar as diferenças entre mulheres, e as implicações dessas diferenças, representam uma seríssima ameaça à mobilização do poder coletivo das mulheres. Quando as mulheres brancas ignoram os privilégios inerentes à sua branquitude e definem mulher apenas de acordo com suas experiências, as mulheres de cor se tornam "outras", outsiders cujas experiências são "alheias" demais para serem compreendidas. (2019, p. 145)

A partir das críticas de mulheres pretas ao feminismo predominante foram surgindo várias vertentes do movimento feminista e algumas dessas vertentes tinham como objetivo agregar ao feminismo mulheres que ficaram de fora dos principais debates, pois não se sentiam representadas, o movimento não chegava até elas ou não eram sequer visibilizadas. As principais vertentes feminismos são: Feminismos negro, trans, liberal, radical.

4 O FEMINISMO NEGRO: UMA FORMA DE LUTAR PARA RESISTIR E EXISTIR

O movimento feminista foi, e é, muito importante, pois o movimento veio com o intuito de acabar com as opressões e discriminações vividas pelas mulheres, lutando por seus direitos e denunciando as diversas violências que sofrem por ser mulheres. É uma forma que as mulheres encontraram para resistir ao sistema patriarcal e sua cultura machista, mas ao focar em combater somente a discriminação de gênero o feminismo deixa de lado as outras formas de discriminações: como a étnico racial. Segundo enuncia hooks:

> Elas entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando raça do cenário. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir. A visão utópica de sororidade evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não branca. (2019, p. 70).

Como mencionado no início do artigo, as mulheres pretas vinham historicamente resistindo às opressões que lhes eram impostas. “E foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de liberação” (GONZÁLEZ, 2011, p. 18). Mas o machismo e a misoginia dentro do movimento negro fizeram com que as mulheres pretas fossem para o movimento feminista e, chegando lá, não se sentiram representadas, pois o debate étnico racial não acontecia (GONZÁLEZ, 2011).

As mulheres pretas começaram a questionar e cobrar debates sobre raças dentro do feminismo, mas esse questionamento não foi visto com bons olhos. Segundo Hooks (2019), para as mulheres brancas ao introduzir a questão racial no debate o foco do movimento mudaria, a questão de gênero deixaria de ser o centro do debate, isso fez com que as mulheres pretas fossem vistas como traidoras dentro do movimento feminista.

Porém o feminismo negro não é sobre desfocar o debate de gênero, é sobre pensar nas diferenças de classe, raça, sexo e gênero e de como cada mulher é afetada de forma diferente devido as opressões do sistema capitalista-patriarcal-

racista. “O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cishéteropatriarcado e capitalismo” (AKOTIRENE, 2019, p. 26). O feminismo negro vai trazer o que Akotirene chama de interseccionalidade que, segundo a autora, é como um sistema de opressão interligado (2019)., no qual podem se cruzar distintas matrizes de dominação.

O feminismo negro, junto com a perspectiva de interseccionalidades, vai trazer para o debate as diversas dores e realidades das mulheres. Akotirene (2019) traz o exemplo de que, enquanto as mulheres brancas estão se preocupando se os seus filhos vão ser machistas e sofrer com as pressões do patriarcado, as mulheres pretas se preocupam com a vida de seus filhos, que a todo momento encontra-se ameaçada pelo racismo estrutural que mata e deixa morrer. Outro exemplo que a autora traz é o fato de que as mulheres brancas conseguem se aposentar enquanto as mulheres pretas, por estarem sempre em trabalhos precarizados e informais, por vezes não conseguem uma aposentadoria.

O feminismo negro traduz-se em uma das formas que as mulheres não brancas encontraram para debater gênero, raça, sexualidade, classe e todos os fenômenos que atingem as suas existências cotidianas. E, ao contrário do que diziam/dizem, o feminismo negro não tem a intenção de segregar/separar o movimento feminista. Em verdade, as mulheres pretas, ao trazerem o debate racial, de classe, geração, sexualidades estão acrescentado aos feminismos e trazendo representatividade para o movimento.

E, reiterando nossa afirmação anterior, as mulheres têm historicamente resistido às opressões e isto fez com que elas estivessem em espaços de lutas e resistências políticas. Segundo Gonzales (2011), as mulheres pretas tiveram fortes participações, também, em movimentos populares e político partidários buscando se organizar coletivamente, pois se preocupavam com o problema da sobrevivência familiar e a sua posição social, que não é favorável, faz com que sofram mais brutalmente as crises.

Além do feminismo negro, existe uma outra vertente do feminismo em que não só as mulheres pretas, como também as indígenas, vão procurar resistir às múltiplas opressões que sofrem dentro desse sistema mundo capitalista/colonial moderno/patriarcal que expressa diversas manifestações de violências e discriminações, a saber: misógino, racista, LGBTfóbico, colonialista/imperialista. Essa

outra vertente crítica dos feminismos plurais é ligada aos estudos sobre decolonialidade.

5 O FEMINISMO E A DECOLONIALIDADE

Para falarmos sobre resistências e feminismo de mulheres pretas além de pensar nas diferenças de classe, sexo, idade, orientação sexual e etc., também é importante pensar nas diferenças territoriais. As mulheres pretas da Europa e EUA vivem uma realidade diferente das mulheres do Brasil e dos países da América Latina. Essa reflexão sobre as diferenças territoriais nos leva a pensar em colonialidade, colonialismo e imperialismo, pois os países como a Europa cresceram impondo tipos de poderes e saberes sobre os países considerados baixos, como os da América Latina, da África e da Ásia.

Os estudos sobre decolonialidade vem acontecendo desde o final dos anos 90 quando um determinado grupo de estudos subalternos decidiram estudar a subalternidade criticando o eurocentrismo. Os principais autores desse campo – Aníbal Quijano, Grosfoguel, Boaventura, Balestrin, Fanon – vão trazer as suas perspectivas sobre o colonialismo e as formas de poder que foram desenvolvidas durante a expansão europeia e vão contribuir com as suas críticas a essas formas de poder do colonialismo e imperialismo, que são impostas aos países colonizados na América Latina, na África e na Ásia.

Quijano (2005) traz uma reflexão sobre as consequências que América Latina sofre ao ter as histórias de vidas de seus povos contada somente pela ótica dos europeus, fazendo com que a Europa tenha um controle sobre as subjetividades e de produção do conhecimento. Esse autor também alerta para o fato de somente a perspectiva da Europa sobre momentos históricos ser considerada legítima. Nas palavras de Quijano:

> Por sua natureza, a perspectiva eurocêntrica distorce, quando não bloqueia, a percepção de nossa experiência histórico-social, enquanto leva, ao mesmo tempo, a admiti-la como verdadeira… consequentemente, nossos problemas também não podem ser percebidos senão desse modo distorcido, nem confrontados e resolvidos salvo também parcial e distorcidamente. (2005, p. 15)

Esse controle/poder sobre as histórias, subjetividade e conhecimentos também vai estar presente na economia, na autoridade, no gênero e na sexualidade, esse

controle Balestrin (2017) chama de colonialidade do poder. Ou seja, a Europa vai durante a sua expansão se tornar a detentora dos conhecimentos, das práticas culturais e por consequência expandir a ideia de que determinadas localidades/regiões são mais desenvolvidas porque são civilizadas enquanto as outras regiões menos desenvolvidas não são civilizadas o suficiente.

Os estudos sobre decolonialidade vão denunciar as práticas racistas, machistas, misóginas, transfóbicas que acontecem e que são legitimadas em países do sul e que por vezes acontecem para que os países do norte possam manter a sua soberania e poder.

O feminismo decolonial é uma das configurações dos feminismos plurais que vai pensar nas relações de classe, raça, gênero e traz também o debate sobre emancipação, para que haja uma nova forma de sociabilidade e, assim, propõe a superação entrelaçada do capitalismo, da imperialidade e da colonialidade. Segundo expõe Vergès (2019, p. 27): “O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência”.

As feministas decoloniais vão ser contra a posição do feminismo liberal, que defende só individualismo e igualdade no mercado de trabalho para homens e mulheres pois esse posicionamento irá beneficia um certo tipo de grupo que é o de pessoas brancas, cis, hétero e que estão dentro do padrão imposto pelo capitalismo. Mas o feminismo decolonial não vai focar somente em criticar o feminismo liberal, vai também procurar lutar contra o eurocentrismo e suas formas de dominação, para que assim as formas de saberes e culturas produzidas em países que foram colônias possam ser legitimadas e respeitadas.

> E o Ocidente está no centro da produção de conhecimento acadêmico… Essa centralidade não apenas influencia, mas também resulta na invalidação de conhecimentos, saberes e valores culturais não assimilados pela cultura ocidental. Epistemicídio que acompanha o processo colonizador e se mantém pela reprodução de modelos de conhecimento ocidentocêntricos que ainda estão presentes com força em nossas produções científicas e artísticas e nos meios de comunicação. (MARIM, 2020, p. 26).

No feminismo decolonial, as mulheres vão denunciar o epistemicídio cultural, o feminicídio, as formas de como os seus filhos são deixados para morrer ou são mortos por serem pretos, as violências que o sistema capitalista comete contra a vida das

mulheres pretas, indígenas. Segundo Vergès (2019), o feminismo decolonial denuncia o estupro e o feminicídio e vai juntar essas lutas com as lutas contra as políticas de desapropriação, contra a colonização, o extrativismo e a destruição sistemática da vida. A luta contra a colonialidade vai ser mais uma forma de resistência de mulheres pretas e indígenas, que são, a todo momento, subalternizadas dentro do sistema mundo capitalista/colonial/patriarcal que, para se manter, necessita que algumas vidas sejam precarizadas e oprimidas, para que outras possam ser privilegiadas.

6 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, reiteramos uma frase muito conhecida dita por Ângela Davis: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Isso porque a mulher negra está na base e, quando a base se move, a estrutura também tem que se mover. Apesar de não ser fácil fazer essa movimentação, as mulheres negras continuam a se mover para que a estrutura da sociedade mude e assim possam dar um futuro melhor aos seus filhos.

Nós, mulheres pretas, não aceitamos quando nos escravizaram, e continuamos a não aceitar a sermos as que mais morrem, a perder nossos companheiros, companheiras, nossos filhos e filhas para esse sistema opressor. Não aceitamos nossos corpos hipersexualizados e nem ser a maioria em trabalhos precariazados. Estamos na luta e vamos continuar até que todas nós alcancemos os espaços que queremos e devemos ocupar, inspiradas e embaladas em uma música que nos dá forças para resistir, esperançar e lutar cotidianamente:

“As flores seguem o passo cor da minha natureza
Espinho é proteção, melhor aí não encostar
Trago na bondade a força da minha braveza
O meu amor é coisa de contagiar
Tenho fé em Alá, mas não sigo a religião
Deus deve existir e nenhum homem saber explicar
Porque de tanta guerra, fome e essa educação
Que na escola Bolsonaro não pode ensinar
Levanto a bandeira da revolução
Canto e a minha voz ecoa na nação
A jornada é dura e eu não desisto não
Eu tô na rua é pra lutar e que haja flores onde eu pisar
Onde eu pisar
Canta que tua voz me encoraja

Canta que o mar na tua frente abre e a gente vai passar
Canta que isso revigora

Invoca Orixá, Buda, Jesus e chega quem você chamar" (Doralyce - Canto da revolução)

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem "Imperialidade"? O Elo Perdido do Giro Decolonial. Dados: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 505-540, abr. 2017.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALES, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. In: BUARQUE, Heloisa (org.). **Pensamentos feminista conceito fundamentais**. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 41-55.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Crítica de Ciências Sociais**, [*s. l*], v. 80, p. 115-147, mar. 2008

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LORDE, Audre. **Idade, raça, classe e sexo**: as mulheres redefinem a diferença. In: Irmã Outsider. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 141-153.

MARIM. Caroline. et al. **Dossiê** "O que é o feminismo decolonial". Revista Cult, *[S. l.],* ed. 262, Outubro. 2020

QUIJANO, A. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina . Estudos Avançados, *[S. l.]*, v. 19, n. 55, p. 9-31, 2005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10091. Acesso em: 25 mar. 2021.

VERGÉS. Françoise. Um feminismo descolonial/ Françoise Vergès; traduzido por Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: Um féminisme décolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.